Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 843

30 DE MAIO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Juramento do Rei de Hespanha D. Affonso XIII

S. M. O REI D. AFFONSO XIII

JURAMENTO DO REI D. AFFONSO XIII PERANTE OS CORPOS LEGISLATIVOS, NA SALA DO CONGRESSO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT
Copia de uma meniatura
pertencente ao fallecido Dr. Carlos Guimarães

Almeida Garrett — Seu testamento

Publicamos hoje, nas columnas do OCCIDENTE, as ultimas paginas escriptas pelo primeiro poeta portuguez do seculo que findou. É documento de alto valor, que felizmente podemos reproduzir, devendo-o á extrema amabilidade do nosso illustre amigo sr. Conde de Valenças, que é actualmente possuidor do precioso autographo, por obsequio especial do secretario da Camara dos dignos pares sr. Fernando Larcher, em poder de quem estava.

Muitos têm escripto ácerca do alto valor litterario de Almeida Garrett e assim, faltariamos a um dever não dizendo agora que, se o eminente poeta foi respeitado pelos notaveis poemas, que tanto encantaram a nossa mocidade, elle foi egualmente um notavel estadista que prestou efficazes serviços á causa constitucional. São conhecidas as suas reformas politicas, principalmente a sua lei da propriedade litteraria; assumpto que lhe consumiu dois annos de estudo, e que em tal apreço foi tida pelas nações da Europa, que logo a copiaram para os seus codigos civis.

Este homem que superiormente manejava a lyra do poeta, a penna do escriptor, a palavra do tribuno, os ideiaes do politico verdadeiramente amante do seu paiz, era, alem de tudo, um homem de bem. Quem d'isto quizer ter a prova justificativa leia os tres volumes das suas memorias escriptas por um amigo, que de perto o conheceu e tratou; e leia egualmente o documento que hoje publicamos, que é mais um testemunho da alteza do seu grande coração e tambem do seu grande espirito.

Testamento do Visconde de Almeida Garrett: — Declaro ter sempre vivido e querer morrer no seio da Sancta Madre Egreja Catholica Apostolica Romana. Intrego minha alma a Deus, confio na sua misericordia, e espero a Bemaventurança pelos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo.

Por este meu testamento que faço em meu perfeito juizo e em estado de saude, quero instituir e com effeito instituo minha universal herdeira a minha filha unica Dona Maria Adelaide de Almeida Garrett. Declaro, como ja declarei por escriptura publica e por muitos actos solemnes, que, depois de cinco annos de separado de minha mulher, houve ésta filha de uma donzella honesta, hoje fallecida, cujo nome occulto por consideração e respeito para com sua memoria, e porque essa unica fraqueza em sua vida recatada e exemplar, terá merecido a esta hora a Suprema Indulgéncia, assim como deve merecer a dos homens. — Minha filha Dona Maria Adelaide de Almeida Garrett, por mim reconhecida e com o consentimento unanime de todos os meus parentes segundo as leis e stylos d'estes Reinos, e por carta de legitimação de Sua Majestade, haverá tudo o que é meu e de que posso dispor, bens moveis e de raiz, direitos e acções, e nomeadamente a propriedade de todas as minhas obras, já impressas ou ainda ineditas, por todos os trinta annos que a lei garante depois de minha morte; á qual propriedade não cedi nem cederei a ninguem outro, nem fiz ou farei sôbre ella contratto algum senão se for pelo tempo de minha vida.

A' minha filha unica e legitimada, declaro outrosim pertencer a segunda vida que Sua Majestade se Dignou conceder-me no titulo que unicamente acceitei por ésta causa e por dar assim uma ajuda de dote a minha filha, a quem pouco tenho que deixar de bens materiaes, porque tenho gasto a minha vida e as fôrças do meu espirito no serviço da Nação e do Rei e não pude grangear fortuna propria. —

Declaro e protesto que tendo muito e mui instantemente supplicado para que me não obrigassem a acceitar para mim a primeira vida do titulo, e para que ésta desdelogo se verificasse na ditta minha filha, não pude consegui-lo.

Confio na bondade e indulgencia da Soberana que não permittirá que sejam visitados na filha innocente os erros e os peccados do pae. — Nomeio meus testamenteiros aos Senhores Dom Pedro Pimentel de Brito do Rio, Par do Reino, e Carlos Kruss negociante d'esta praça.

Deixo e nomeio por tutor á dita minha filha, quanto por direito melhor possa ao Senhor Joaquim Larcher, Par do Reino, e em sua falta ao primeiro testamenteiro nomeado, e em falta d'elle ao segundo.

E quando se não intenda caberem em direito essas nomeações, recommendo e peço ao conselho de familia, ou quem compettir no caso que seja a legislação alterada, que as confirmem e auctorizem ou revalidem. Não me lembra dever nada a ninguem; mas recommendo a minha filha que satisfaça pontualmente quaesquer pequenas dividas que se mostrar não estarem por mim saldadas.

Tambem lhe incarrego de intregar na Secretaria d'estado dos negocios Extrangeiros a quantia de tres moedas d'oiro, ou quatorze mil e quatro centos que segundo meus assentos particulares vejo terem ficado em meu podêr de quando fui ministro d'aquella repartição em 1852: e a qual somma tenho um certo pejo de restituir agora, não o tendo feito quando deixei o cargo por ignorar que devia. —

Deixo o incargo pio de dôze missas por minha alma e dos meus.

A saber: tres que se dirão na minha freguezia que for á occasião de minha morte; tres na egreja do convento da Madre Deus em Lisboa no altar de Nossa Senhora d'aquella invocação e que serão applicadas por minha alma e pela da mãe de minha filha; mais tres missas na egreja do convento de Santo Antonio dos Capuchos da cidade d'Angra na Ilha Terceira, e, não existindo já aquella egreja, no altar do Senhor Jesus, não me lembra de que invocação, mas é a segunda capella do Evangelho, e onde meu Pae costumava sempre ouvir nos ultimos annos da sua vida na Sé d'Angra: éstas tres missas serão applicadas por alma de meu Pae, de minha Mãe e de meu tio Bispo, e pelas de meus irmãos fallecidos; as ultimas tres missas serão dittas no Porto, na freguezia de Santo Ildefonso em que fui baptisado. — Além d'estes incargos deixo recommendado a minha filha o cumprimento de alguns outros legados que, se Deus me conceder vida, lhe ficarão explicados ou em codicillos ou em cartas particulares que, por me confiar em sua lealdade e amor, terão para ella a mesma obrigação. — E incommendando de novo a minha alma ao Deus Todo Poderoso que me creou, e a minha memoria aos meus concidadãos que sempre amei e sempre quiz servir, dou por concluido e concluo assim o meu Testamento que desejo se cumpra como a minha ultima vontade. Feito em Lisboa aos nove de Junho de mil oitocentos e cincoenta e tres.

João Baptista de Almeida Garrett.
Visconde de Almeida Garrett.

Saibão quantos este Instrumento de Approvação de Testamento virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e cincoenta e tres, aos dezeseis dias do mez de Junho, n'esta cidade de Lisbôa, na Rua Aurea, no meu Escriptorio appareceu presente o Ill.mo e Ex.mo João Baptista d'Almeida Garrett, Visconde d'Almeida Garrett, do Conselho de S. M. F., Par do Reino, Ministro e Secretario d'Estado Honorario, Chronista Mór do Reino etc., morador na Rua direita do Salitre, freguezia de S. Mamede; que dou fé ser o proprio, e achar-se em seu perfeito juizo, o que egulmente reconheceram as Testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, perante as quaes logo por S. Ex.a me foi, de suas ás minhas mãos, entregue o presente Testamento; e ás perguntas que lhe fiz na forma da Lei, a saber: se este papel era o seu Testamento, se estava á sua vontade; se o queria approvar e haver por bom, firme, e valioso, a cada uma me respondeu — sim — que era com effeito o seu Testamento escripto e assignado de seu proprio punho, que approvava e ratificava, e queria se cumprisse como sua ultima vontade. E foram Testemunhas presenceaes de todo o acto Manuel Joaquim Affonso, Proprietario, morador na Rua do Poço dos Negros n.º 101, Freguezia de Santa Catharina; Antonio Severo Coelho, solicitador de Causas, e seu filho e Ajudante Antonio Severo Coelho Junior, moradores na Rua das Pretas n.º 4 A, Freguezia de S. José; Francisco Antonio da Silva Pacheco, e José Antonio d'Albuquerque e Silva, meus Amanuenses e effectivos n'este Escriptorio, que aqui assignam com o Ex.mo Testador, a quem tambem conhecem, sendo esta por mim lida. Eu Antonio Simão de Noronha, Tabellião, o escrevi, e assignei em pr.ca do p.

D. MARIA ADELAIDE D'ALMEIDA GARRETT

Omt.º deverda.º

Antonio Simão de Noronha

João Baptista de Almeida Garrett
Visconde de Almeida Garrett
Manoel Joaquim Affonso
Antonio Severo Coelho
Antonio Severo Coelho Junior
Francisco Antonio da Silva Pacheco
José Antonio d'Albuqurque e Silva

TERMO D'ABERTURA

Aos nove dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos cincoenta e quatro, n'esta cidade de Lisboa e rua de Santa Isabel numero cincoenta e cinco freguezia da mesma denominação, aonde veio o Cidadão João Manoel Alves Costa, Regedor da referida freguezia comigo Escrivão de seu cargo, caza de rezidencia do Excellentissimo Visconde de Almeida Garrett, isto por volta de oito horas da noute, e sendo ahi prezente a Excellentissima Dona Jeronima Deville, moradora na rua nova d'El-Rei numero vinte e tres primeiro andar freguezia de Santa Maria Magdalena por esta na presença das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas lhe foi apprezentado este testamento com que o mesmo Excellentissimo Visconde de Almeida Garrett tinha fallecido ás seis e meia horas da tarde de hoje, declarando que o mesmo Excellentissimo fallecido lh'o havia dado á sua garda afim d'o apprezentar n'este acto de seu fallecimento para sêr aberto e se achava faxado e cozido com cinco pontos de retrós branco, e lacrado com cinco pingos de lacre encarnado de cada face e sendo pelo dito Regedor aberto e lido na prezença da apprezentante e das mesmas testemunhas lhe encontrou na terceira lauda linha decima outava na palavra sejam, se achão emendadas as letras = j = a = m = Na quinta lauda por baixo da palavra = missa entre a vigessima e vigessima primeira linha se acha o signal de chamada * — e igual signal se acha na margem esquerd e por baixo accrescentadas as palavras = na Sé de Angra — accrescentei Almeida Garrett. Não lhe encontrou mais borrão; aspadura, entrelinha ou couza que duvida faça, e se acha escripto em sette laudas de papel incluindo a approvação de Tabellião e na ultima das quaes vai principiado este termo que todas vão rubricadas pelo dito Regedor com o seu apelido = Alves Costa = a que tudo forão testemunhas prezentes os Illustrissimos Manuel José Gonsalves Escrivão da receita da Junta de Deposito Publico de Lisboa, morador na Rua do Jasmim numero oito freguezia das Merces e Francisco Gomes d'Amorim, Ajudante da Pagadoria Geral do Menisterio da Marinha morador na Rua dos Fanqueiros numero sessenta e um freguezia de São Nicoláo. E para constar mandou o memo Regedor fazer este Termo que assigna. E eu Francisco José Pinto, dito Escrivão que o escrevi e com todos o assignei depois de lido

João Manoel Alves da Costa
Manoel José Gonçalves
Geronima Deville
Francisco Gomes d'Amorim
Francisco José Pinto

A fl. 181 V do L.º 12.º do Registo dos Testamentos da Freguezia de Santa Izabel fica este registado em

data d'oje. Administração do Bairro d'Alcantara em 19 de Dezembro de 1854.

O Escrivão d'Administração

Francisco José Leano

Testamento do Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde d'Almeida Garrett, João Baptista d'Almeida Garrett, approvado em Lx.a aos 16 de Junho de 1853.

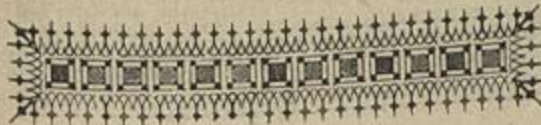
Pg. mil e seis centos de Impt.o Lx.a 15 de Dezembro de 1854.

Logar do sello — Por mim Tabellião

Antonio Simão de Noronha

N.o 9 *Pereira* — *Frederico.*

O retrato do Visconde d'Almeida Garrett que publicamos, devemol-o á amavel cedencia da *Empreza da Historia de Portugal*, que tanto se tem esforçado para vulgarisar as obras do grande poeta, de que adquiriu a propriedade, tendo já publicado successivas edições. Esta mesma empreza vae agora fazer uma nova edição das obras de Garrett, em grande formado, illustrada por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, prefaciada e dirigida por Theophilo Braga, o que tudo certamente concorrerá para uma edição brilhante que mais virá augmentar a glorificação de Almeida Garrett.

Por tal motivo felicitamos a benemerita *Empreza da Historia de Portugal*, e o publico que terá occasião de adquirir as obras de Garrett em edição á altura do grande poeta portuguez.

CHRONICA OCCIDENTAL

Com os metereologos e companhia a pregarem tanto, não admira que, depois de trez dias de excepcionaes calores, uma trovoada de maio assustasse as velhas, sempre dispostas a acreditar em máos presagios.

Uns minutos antes da aurora, um relampagosinho de nada illuminou as nuvens, rolou um trovão devagarinho, quasi a medo, e logo as velhas se puzeram a gritar misericordia, como se o desastre da Martinica fosse apenas prologo de muito maior tragedia.

Agora, que tanto se fala de Gil Vicente, não deixava talvez de vir a proposito publicar o que elle escreveu sobre o assumpto e contra os frades que assustavam a população ameaçando-a com o fim do mundo.

De ha uns annos a esta parte, voltou novamente a ser moda prophetisar cataclysmos: hontem foi um cometa que deviamos encontrar nos espaços, foi depois o desequilibrio dos gelos que haviam de virar o mundo, é agora a erupção vulcanica que ha de atirar pelos ares a crosta fragil que pisamos. Não nos deixam um segundo de repouso os agoirentos de má morte. E afinal passam os cometas muito longe, os gelos do polo equilibram-se comforme podem, e os vulcões não fazem mais damno agora do que em todos os tempos o fizeram.

Nos negocios politicos succede o mesmo. Os astrologos, que andam sempre d'olhos nos astros e cahem muita vez no poço como o seu collega mais conhecido, andaram por ahi prophetisando catastrophe e já raciocinando sobre as resultantes das differentes forças exteriores e interiores. O centro de gravidade dos systemas é que não era para todos egual. Alinhadas as equações e resolvidas ao sabor de cada um, foram as soluções variadissimas. Assim o Sr. Marquez de Soveral, que deveria subir ao alto cimo dos conselhos da corôa, continuou passeando pela Avenida da Liberdade; o Sr. Jacintho Candido, que deveria transformar o mundo, continuou devaneando; o Sr. Hintze Ribeiro, que deveria sumir-se no abysmo, continuou sorridente na sua poltrona da presidencia, e o sr. José Luciano já estampilhado para o seguir ás mesmas regiões escuras, partiu para a Anadia.

Quartel general em Abrantes.

Reabriu a Universidade de Coimbra e o socego foi de pasmar. Os fios dos telegraphos conversavam uns com os outros assustadissimos:—«Agora é que são ellas!» E o telegramma de paz e concordia deslisou por elles como uma caricia.

Fecham as aulas no dia 31 e nem, pelas ferias forçadas que os rapazes tiveram, ficaram mais tarde os exames.

Chegou um feio tempo de amarguras para muitos d'elles. As sebentas teem agora um aspecto antipathico de dia, ás vezes de noite, em sonhos, espectral. Bateriam os estudantes no peito e paes houve que encalveceram á força de puxar pelos cabellos. O oiro de que tanto se falou pelo tempo do convenio transforma-se agora em chumbo pela peor das alchimias.

E' um dos pesadelos do verão, ainda peor do que para os visinhos das feiras o batucar constante do zabumba nas barracas dos arlequins.

Começaram estas agora em Lisboa, por uma que se armou lá para os lados de Santo Amaro, substituindo a que, ha já annos, se fazia ao pé do caneiro de Alcantara. A mesma coisa: theatros de lona, quinquilherias, batota e peixe frito.

São com as toiradas o melhor divertimento do povo, quasi os unicos n'uma cidade em que tão pouco se olha por elle, onde os jardins são raros, onde o parque da Avenida já começa a ter parecenças com as obras de Santa Engracia.

De theatros já pouco teremos de falar até novembro ou dezembro, o que não quer dizer que até ha pouco nos não fornecessem as melhores, diremos mais, as mais encantadoras novidades.

Já lhes dissémos adeus infelizmente, como adeus dizemos agora á companhia de Affonso Taveira, que no dia 2 do mez que vem deve partir para o Brazil.

Acompanha-o pela primeira vez a actriz Angela Pinto, com o repertorio que fez no theatro D. Amelia e mais outras peças para este giro expressamente estudadas.

Deve lá estrear-se com a *Sapho*, papel que vimos aqui desempenhar pela Jane Hading e nunca em Lisboa foi representado em portuguez.

A Angela, que é das mais talentosas actrizes do nosso theatro, depois de ter sido estrella de primeira grandeza na opera comica, revelou no desempenho da *Zázá* os recursos extraordinarios de que podia dispôr como actriz dramatica. Nervos e sentimento possue os como poucas.

E' natural que o publico do Rio de Janeiro a acolha com o enthusiasmo que ella merece.

Irregular por vezes, incapaz de dominar os nervos, não lhe é possivel sustentar egualmente um papel, todas as noites que o represente. Devemos avaliar de seu merito pela linha média em que ella se colloca. Mas a que altura superior ainda fica, a que ponto extremo vôa muita vez!

Se ao menos, para nos consolar da ausencia dos nossos artistas no verão, pudessemos continuar, de quando em quando, a applaudir no theatro D. Amelia algumas d'essas extraordinarias creaturas com que o Visconde de S. Luiz nos mimoseou desde outubro!

Alguem espalhou que, na sua passagem para o Brazil, a Réjane daria duas recitas em Lisboa. Infelizmente parece que não é verdade.

A Sadda Yacco, a extraordinaria artista japoneza, poz um ponto definitivo na exhibição das notabilidades artisticas.

Que deliciosos foram esses espectaculos, que mais encantadores seriam se não fosse a mania de fazer graça com que varios visinhos nos incommodaram os ouvidos!

Sobretudo na ultima noite, menos extranhando talvez os espectadores o exotismo, a Sadda foi applaudida com verdadeiro enthusiasmo.

Vinha com ella a celebre Loie Fuller, a inventora da dança serpentina, tão bellamente fantastica. N'uma noite deu-nos ella tambem a dança do fogo, em que a vimos, por magnifica illusão theatral, transformada n'uma fogueira.

E dizia o Garrido: — «Então a Loie Fuller é que arde e a outra é que é a Sadda!»

Astros errantes, a linda dançarina,— se é linda, ha quem diga que não — e a seductora japoneza lá se foram não sei para onde, a correr terras que nem vêm na *Judia* de Thomaz Ribeiro, e voltou o Nadal para o palco e mais malagueñas e mais castanholas, e novas enchentes.

Dois concertos de Vianna da Motta, realisados no salão do Conservatorio, devem ficar archivados na historia da boa arte em Lisboa.

O portentoso pianista é uma das nossas maiores glorias artisticas, e não podemos cital-o sem nos recordarmos commoções que raras vezes foram egualadas. Fanatico pelos grandes mestres, elles vivem na sua grande alma e seus dedos magicos dizem-nos mais uma vez todo o soffrimento e alegrias, o sentimento que puzeram em suas obras, de que é digno interprete o nosso grande artista.

Mencionemos tambem aqui o espectaculo realisado nas officinas de S. José, Academia musico-gymnastico-litteraria dedicada aos socios bemfeitores, em que professores distinctos tomaram parte conjunctamente com seus discipulos, em variadissimo programma.

Ainda d'arte havemos de falar, coisa rara em tão adeantada estação.

Voltaram da provincia Brazão e Rosas e tambem elles quizeram collaborar na celebração do centenario da fundação do theatro portuguez.

Além do sarão do Conservatorio e do espectaculo de gala no theatro de D. Maria, de que já falámos, mais uma noite poderemos portanto admirar o grande genio de Gil Vicente em obras diversas, que o definirão melhor em seus variados aspectos.

Não está definitivamente assente o programma d'estes festejos; mas de certo contribuirá para que melhor se torne conhecido um dos mais notaveis vultos da nossa litteratura.

Isto não se consegue sem trabalho, sem desgostos; mas foi sempre assim. A's vezes d'onde o auxilio se esperava é que veio o embargo ou má vontade. Querer só o bem, é criar inimigos. Nas coisas pequenas é como nas grandes. Consolem-se os mais pequeninos com o exemplo dos maiores. Até Affonso de Albuquerque morreu mal com El-rei por amor dos homens e mal com os homens por amor d'El-rei.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

JURAMENTO DO REI DE HESPANHA D. AFFONSO XIII

Acaba a Hespanha de festejar, com sincero jubilo, a coroação do rei Affonso XIII, ou, mais propriamente, o ter o joven soberano attingido a maioridade, prestando o respectivo juramento perante os corpos legislativos, assumindo assim em toda a sua plenitude o grave encargo de presidir aos destinos da nação hespanhola.

Duraram essas festas desde 11 até 26 do corrente mez, cumprindo-se um extenso programma, em que a solemnidade principal foi a do juramento, como bem se comprehende.

D. Affonso XIII nasceu a 17 de maio de 1886, pouco tempo apoz a morte de seu pae, o mallogrado monarcha D. Affonso XII, sendo baptisado em 23 do mesmo mez. Foram padrinhos Sua Santidade Leão XIII e a infanta D. Izabel.

Se não fosse o luto pezado, que então envolvia o throno, teria a Hespanha celebrado festivamente esse acontecimento, pois que a falta de herdeiro varão para a sua corôa comecava a levantar discordias intestinas.

D. Affonso XIII viu, pois, a luz já coroado, merecendo a sua educação uma direcção deveras eminente e logo nos primeiros annos de berço a rainha regente se occupou dos passos d'aquelle que tão cedo havia de reinar.

Mal contava 5 annos de idade, já el-rei tinha tres professores, e aos 6 annos incompletos sabia lêr e escrever correntemente, doutrina christã, historia sagrada e patria.

A instrucção do monarcha, constantemente fiscalisada por sua augusta mãe, não tardou em ser entregue aos mais illustres homens de sciencia e aos mais distinctos officiaes.

Em 1900, D. Affonso attingiu um notavel desenvolvimento physico e intellectual, que lhe permittiu estudar, com o melhor aproveitamento, a philosophia e a litteratura, sendo hoje perfeito conhecedor das principaes sciencias.

A gymnastica e a esgrima contribuiram enormemente para robustecer o organismo do joven rei, que, nos primeiros annos, pelo seu fraco aspecto, tantos receios causou em toda a Hespanha.

Ao completar os 16 annos de idade, no proprio dia do seu anniversario, prestou D. Affonso XIII o juramento de respeitar e fazer cumprir as leis do Estado, perante as Côrtes e os embaixadores de todas as potencias europeias. Desde esse momento, ficou empunhando um dos sceptros mais nobres, e, por isso mesmo, o que tem mais responsabilidades politicas e historicas.

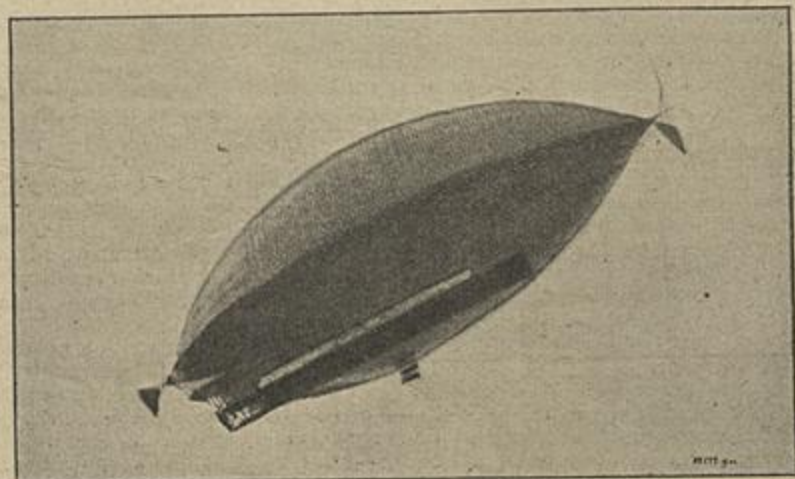
Que o reinado de D. Affonso XIII dê á nobre e fidalga nação hespanhola as prosperidades de que ella tanto precisa são os nossos votos ao consignarmos n'estas linhas o seu inicio; nem nós podiamos ser indifferentes ao jubilo do paiz vizinho, quando tambem o temos acompanhado tantas vezes nas suas dôres.

A CATASTROPHE DO «PAX»

AUGUSTO SEVERO

O MACHINISTA SACHÉ

PHASES DO INCENDIO DO «PAX»

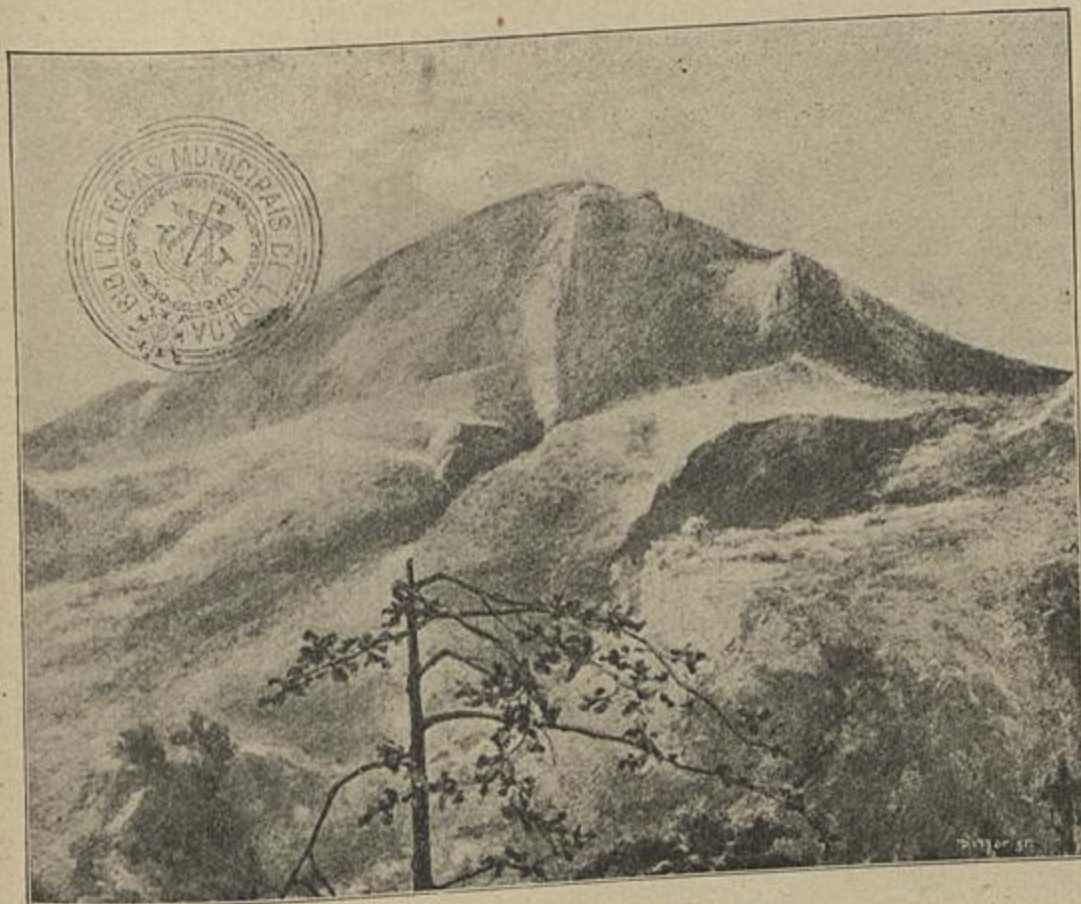
A FAMILIA DE AUGUSTO SEVERO

A ASCENÇÃO DO «PAX»

*
* *

Como acima deixamos escripto, foi assaz numeroso o programma das brilhantes festas a que deu logar o juramento de D. Affonso XIII. N'ellas se fizeram representar os soberanos de varias nações, pela seguinte fórma:

Allemanha. — S. A. R. o principe Alberto da Prussia, regente de Brunswick, com seu filho segundo o principe Joaquim Alberto da Prussia.

Commandante conde de Schimmelmann, primeiro ajudante de S. A. R.; capitão Schulenburg, segundo ajudante de S. A. R.; o doutor Keitel,

O CATACLYSMO DE MARTINICA

O VULCÃO DA MONTANHA PELADA

medico particular de S. A. R.; senhor Osten, camarista de S. M. o rei da Prussia, chefe da casa do principe; senhor de Moltke, tenente general, ajudante de campo de S. M. o imperador.

Coronel de Dehn Rotfelser, commandante do 66.º regimento de infanteria, e capitão conde de Zedlitz, ajudante de campo do principe Joaquim.

Austria-Hungria. — S. A. R. o archiduque Eugenio; S. A. R. o principe Francisco José Auersperg; S. A. R. o principe Nicolás Palffy de Erded; conde Vincent de Thun-Hohenstein, capitão de cavallaria; e um funccionario da thesouraria imperial.

Dinamarca. — S. A. R. o principe Christiano Carlos, capitão de cavallaria, Rothen, e outro funccionario.

Grã-Bretanha. — S. A. R. o duque de Connaught, irmão do rei Eduardo VII; duque de Wellinton; um almirante, um general e dois ajudantes.

Grecia. — S. A. R. o principe Nicolas, acompanhado pelo sr. Delyannis, ministro plenipotenciario em Paris, e um ajudante.

Italia — S. A. R. o principe Thomaz, duque de Genova; barão Carlo Galleani de St. Ambroise, capitão de fragata, primeiro ajudante de campo do marquez Ivaldo Scozia di Calliano, mestre de cerimonias da côrte de S. M.; Antonio Robaglia, tenente coronel de artilheria, ajudante de campo de S. M.; Ricardo Pelloux, tenente de marinha, official ás ordens de S. A. R.; marquez Alfonso Guerrieri Gonzaga, official ás ordens do principe.

França. — General Florentin, embaixador extraordinario e senhor P. Crozier, ministro plenipotenciario.

Estados Unidos da America. — Senhor Jabez Curry, embaixador extraordinario e seu secretario Mr. Richie Simpkins.

Santa Sé. — Monsenhor Antonio Rinaldini, arcebispo de Heraclea, e nuncio apostolico de S. S.

Persia. — S. A. o principe Mirza Riza Khan, secretario M. Mirza Ali Eckber e o general Ohanes Khan.

Estados Unidos do Brazil. — Senhor Pedro de Araujo Beltrão, embaixador extraordinario e secretario M. Luiz de Lima e Silva.

Columbia. — Senhor D. Julio Bettencourt ministro em Madrid e Paris.

Marrocos. — Senhor Hach Hamed-ben-Mohamed Torres, embaixador extraordinario, e secretario Hach Mohamed Ragou.

Monaco. — S. A. R. o principe herdeiro, acompanhado pelo conde Balmy d'Avricourt; ministro plenipotenciario, e mr. De Lamothe.

Russia. — S. A. I. grã-duque Wladimiro; general principe Nicolas Delgorouki, ajudante general de S. M. I., e coronel Tatischeff.

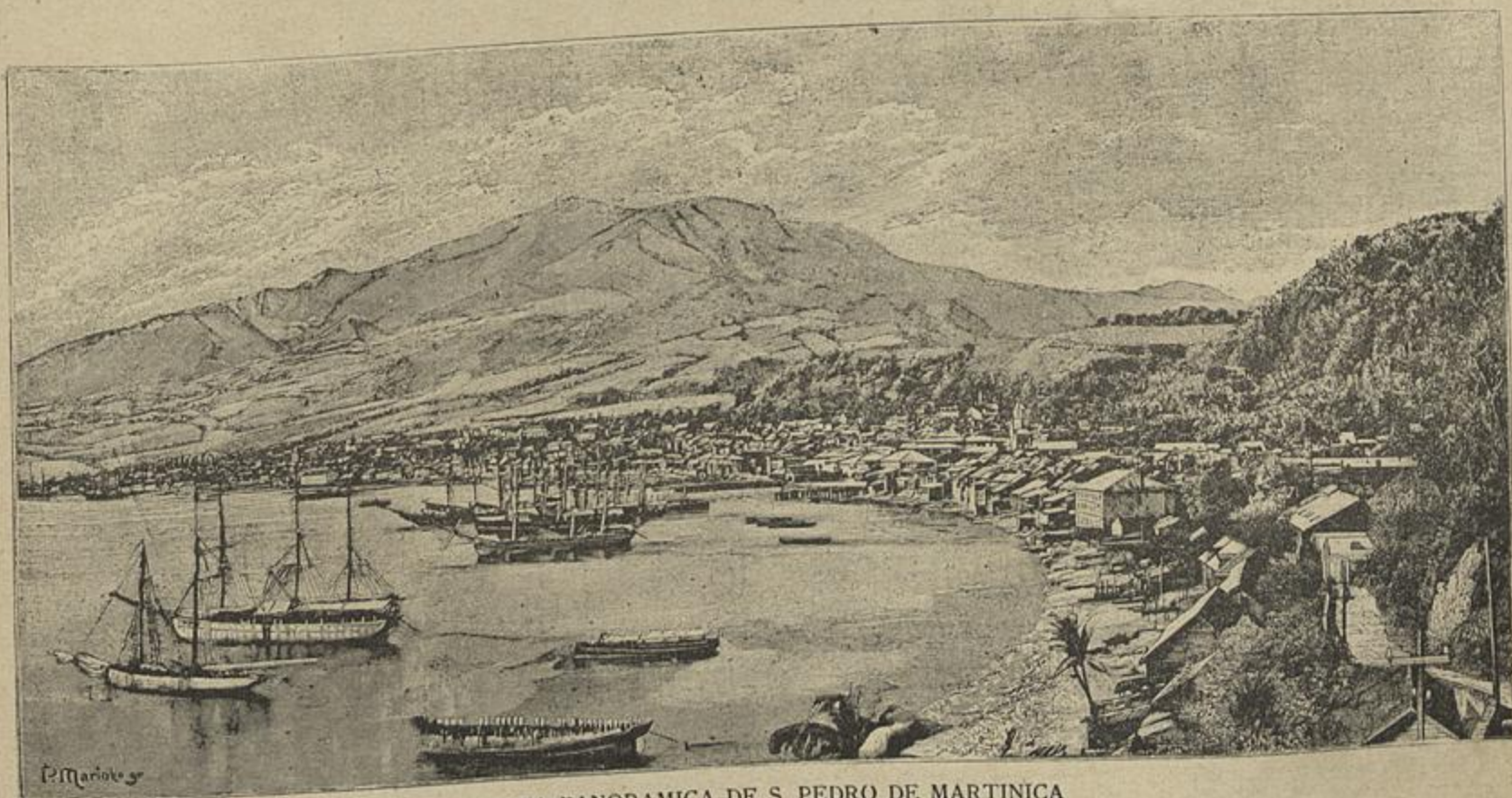
Siam. — S. A. R. o principe herdeiro; o coronel Pliya Rojawalabh Annsishta, e capitão Luang Sarasiddy Anukara, ajudantes de campo de S. M.; S. E. Phyra Suriaya Norsaby, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario, e M. C. Corragioni d'Orelli, conselheiro de legação.

Suecia e Noruega. — S. A. R. o principe Eugenio, duque de Nericia; senhor Celsing, camarista da rainha, e o capitão O. C. Dietrich.

Portugal. — S. A. R. o sr. infante D. Affonso, acompanhado pelo contra-almirante sr. Guilherme Capello, tenente coronel sr. Alfredo d'Albuquerque e capitão de artilheria sr. José de Mello, ajudantes de S. A. R.

Começaram as festas por um concurso hippico, que se effectuou nas manhãs dos dias 11 e 12, seguindo-se o concurso de *foot-ball* nos dias 13 e 14 pela manhã, e inauguração da feira e corridas de cavallos nas tardes dos mesmos dias.

Em 15, teve logar a apresentação das credenciaes das missões extraordinarias. A' tarde, chegada do comboio real, conduzindo os principes estrangeiros; e á noite, banquete no palacio em sua honra.

No dia 16, imposição da ordem da Jarreteira, do collar dos Seraphins e da ordem persa dos Agdas a S. M. El-Rei; á tarde, corridas de cavallos, e á noite banquete no palacio em honra das missões estrangeiras, e illuminações geraes.

VISTA PANORAMICA DE S. PEDRO DE MARTINICA

No dia 17, alvorada por todas as musicas da guarnição. A's 2 horas, juramento do monarcha perante as côrtes. A's 3 1/2, *Te-Deum* em S. Francisco, o Grande.

No dia 18, de manhã, esteve publica a capella do paço; á tarde, effectuou-se a collocação da primeira pedra no monumento á memoria de D. Affonso XII; á noite, funcção de gala no Theatro Real.

No dia 19, de tarde, revista militar desde o hippodromo até Atocha; á noite, recepção no palacio.

No dia 20, inauguração da exposição de retratos e *batalha de flôres* no Retiro.

No dia 21, corrida de touros e *marche aux flambeaux* militar, presenciada pelos embaixadores e consules das janellas do palacio real.

No dia 22, á tarde, recepção geral no paço; á noite, banquete ás auctoridades hespanholas.

Nos dias seguintes, *garden party* nos jardins do palacio, festa academica na Bibliotheca Nacional e banquete no paço em honra do corpo diplomatico.

A CATASTROPHE DO «PAX»

A primeira ascenção do balão dirigivel «Pax» do aeronauta brazileiro Augusto Severo, terminou por uma terrivel catastrophe que causou a morte do seu inventor, assim como a do machinista que o acompanhava. Tendo partido do parque aerostatico de Vaugirard, em Paris, ás 5 e 30 da manhã, o aerostato elevou-se nos ares, effectuando uma serie de manobras interessantes. Sob a acção dos helices de direcção, o balão descrevia facilmente, curvas maiores ou menores, sendo o resultado da experiencia, magnifico. O balão arrastado pelo vento, achava-se perto do cemiterio Montparnasse quando Severo fez o signal convencionado para indicar que ia dirigir-se para o campo das manobras de Issy-les-Moulineaux, afim de continuar as suas experiencias. Os espectadores maravilhados, dirigiam-se para esse ponto, quando bruscamente, um grito de horror se ouviu. O balão ardia, devido á explosão de 2:500 metros cubicos de hydrogenio, a uma altura de 400 metros. Quando o balão chegou a terra, foram encontrados, sob os restos do aerostato, dois cadaveres. A causa exacta da catastrophe é ignorada. Examinado o balão, reconheceu-se que as valvulas d'escapo do gaz não funccionavam bem. Uma dilatação do gaz, devido a este facto, poderia ter occasionado a explosão. Augusto Severo tinha sido ha pouco, nomeado deputado brazileiro. Dispendeu toda a sua fortuna na construcção do seu balão. Sua esposa que assistiu á catastrophe, acha-se sem recursos, e com 7 filhos. O Parlamento brazileiro que foi tão generoso para com Santos Dumont, sel-o-ha certamente com a familia do mallogrado aeronauta.

Quanto ao machinista Saché, era um joven de 28 annos, que, depois de ter trabalhado muito tempo, em casa do constructor de motores de petroleo Buchet, tinha sido escolhido por Augusto Severo para dirigir as manobras do seu aerostato.

AFFONSO DOS REIS TAVEIRA

É um dos emprezarios mais queridos do publico em Portugal e Brazil. Quasi sempre no Porto explorando o theatro do Principe Real, muita vez em Lisboa, onde fez um inverno no theatro da Trindade, ultimo na vida de Cyriaco de Cardoso, um verão por outro no Rio de Janeiro ou em S. Paulo, nenhum director de theatro é mais activo do que o Taveira Elle organisa companhias, elle dirige, elle ensaia, elle representa.

Todos os generos de peças acolhe em seu theatro: dramalhões e comedias, revistas e operas comicas.

Passou o inverno no Porto, a primavera em Lisboa, parte agora para o Brazil, voltará a tomar conta do theatro da Trindade.

Não ha cançal-o.

A todos inspira confiança. Auctores, actores, musicos, collegas emprezarios, todos se querem com elle, confiam em seu trabalho, em sua intelligencia, em sua honradez.

Hontem dava-nos na Trindade o que ha de mais burlesco com o Santinhos e a Emilia Eduarda; d'aqui a quinze dias estará no Rio de Janeiro representando a *Sapho* ao lado de Angela Pinto. Para tudo conseguir até convenceu a Angela a partir para o Brazil!

As qualidades de Affonso Taveira como artista são de todos conhecidas. Os que mais de perto com elle teem lidado admiram-lhe as qualidades de seu caracter, veneram as excellentes virtudes de seu coração.

Nenhum melhor amigo podem encontrar aquelles que o escolham para socio em seus trabalhos. Ninguem mais dedicado, mais generoso. Diga-o o culto que elle tem prestado á memoria de Cyriaco de Cardoso e o que tem trabalhado pelo bem estar da familia do grande maestro.

O nome de Taveira é querido e respeitado. Como artista e como homem, a todos inspira confiança. Quando a boa sorte o proteja foi justiça.

DOMINGOS GOUVEIA

É o sympathico emprezario do theatro da Trindade, agora socio de Affonso Taveira.

Desde muito novo, lidando com emprezarios e artistas, sempre, em meio d'outros negocios, cuidando de coisas theatraes e por ellas tomando interesse, foi lhe o theatro da Trindade arrendado por dez annos, logo que em praça foi arrematado pelo conhecido capitalista Serrão Franco.

Domingos Gouveia possue numerosos amigos entre os seus escripturados, o que lhe affirma um deslisar sereno de trabalhos n'um dos theatros de Lisboa de publico mais certo e fiel. Os velhos Augusto e Queiroz lá continuam, que são glorias velhas, e com elles lá está uma das mais esperançosas actrizes de opera comica, Delfina Victor. Bastaria este facto para vermos o cuidado que sua companhia lhe merece. Effectivamente é um elenco de primeira ordem e boas noites vamos ter no lindo e elegantissimo theatro.

O CATACLYSMO DA MARTINICA

A demonstração do facto do interior do nosso globo ser composto de uma massa em iguição, cada vez mais se evidenceia.

O cataclysmo da Martinica veiu comproval-o mais uma vez. A primeira manifestação da catastrophe teve logar, no dia 5 de maio ultimo, na cidade de S. Pedro de Martinica, junto á montanha Pelada. Grandes projecções de fumo, cinzas e lamas sahiam da cratera do vulcão com grande intensidade.

No dia immediato, o phenomeno reproduzia-se, embora com menos intensidade, um pouco mais ao sul, em S. Vicente, sem que a ilha de Santa Lucia, situada entre os dois focos vulcanicos, ti vesse soffrido damno algum.

Esta grande catastrophe foi a causa do desmoronamento de uma cidade florescente, e da morte de cerca de trinta mil pessoas, quasi que toda a população da capital, as quaes ficaram completamente carbonisadas pela lava.

E' indescriptivel o panico que se devia ter produzido entre os habitantes da ilha da Martinica quando o vulcão começou a dar signaes de vida —Uma verdadeira chuva de pedra igneas cahiam sobre a capital, occasionando um formidavel incendio em toda a cidade.

Embora esse facto tivesse cauzado um verdadeiro terror em todo o mundo, esses desastres são relativamente muito frequentes.

Para não retrogradarmos mais, citemos aquelles que teem sido causados pelos vulcões, de ha vinte e cinco annos para cá.

Em 1875, ao nordeste da Islandia, cerca de quinze crateras entravam quasi que simultaneamente em iguição, tendo sido as cinzas provenientes d'essas erupções, transportadas pelo vento até Stockolm. D'este lamentavel desastre, foram victimas milhares de pessoas.

Dois annos mais tarde, em 1877, no Cotopaxi (Andes), um verdadeiro diluvio de lava fazia perecer mais de tresentas pessoas.

Em 1883, o Krakatoa, na ilha de Sonda, originou a morte de mais de 30:000 Malaios.

Passados mais tres annos, em 1886, uma erupção vulcanica na Nova Zelandia deixou completamente em cinzas, uma grande extensão de terreno fertil.

Em 1888, no Japão, um vulcão extincto ha mais de dez seculos, accordou rapidamente do seu silencio, queimando por completo mais de 500 habitantes das regiões proximas.

Isto se no referirmos unicamente ás erupções que tenham occazionado catastrophes. Quanto a erupções de que não tenha havido a registar desastres pessoaes, estas são innumeras. Todos sabem, certamente, como são frequentes as erupções do monte Vezuvio, em Napoles, do Etna na Sicilia, etc.

A massa ignea do interior da terra é vomitada para a superficie do globo, e a grande altura, por cerca de 320 boccas vulcanicas, numero de crateras existentes hoje, em actividade. Se juntarmos a este numero, mais de 400 rochas vulcanicas que se consideram extinctas, mas que de um instante para outro, podem dar signaes de actividade, concluiremos que o numero de terrenos vulcanicos á superficie do globo são abundantes. No nosso reino abunda egualmente esse terreno, como o prova os abalos de terra que n'elle se manifestam. O grande terramoto de 1755 foi uma demonstração da existencia d'esses terrenos, em Portugal, embora essa catastrophe fosse, simplesmente, uma pequena amostra do que succedeu, ha dias, na Martinica.

Embora os effeitos dos abalos de terra possam ser muito perniciosos, como o foi, o terramoto que citámos, no emtanto, não são estes tão funestos como os das erupções vulcanicas, visto que a area da sua destruição é muito mais vasta.

Felizmente, entre nós, os vulcões que outr'ora existiram, acham-se completamente apagados, não havendo a menor suspeita de que possam entrar em actividade; por conseguinte, embora a cidade de Lisboa esteja edificada sobre uma rocha vulcanica, será bom declararmos, para *socego de espirito dos lisboetas*, que o desastre da Martinica não se repitirá naturalmente em Lisboa.

O terror que invadiu quasi toda a população foi em parte devido ao facto de se ter espalhado que o phenomeno se havia de reproduzir em diversos pontos e que poderia trazer consequencias funestas para o nosso globo. Presagio de um pessimista.

A erupção de Martinica poderia causar, como realmente cauzou em algumas das pequenas Antilhas, em toda a região dos Pyrinéus, e n'alguns pontos da Cordilheira dos Andes, alguns abalos de terra, visto que todas as regiões vulcanicas communicam entre si mas o que podemos garantir, é que d'esta vez, ainda se não acabou o mundo.

Antonio A. O. Machado.

Algumas palavras ácerca da navegação aeria

Temos notado, não sem grande espanto, que, excepto o portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o qual em 1709, setenta annos antes dos irmãos Montgolfier, realizou uma ascensão em Lisboa, em uma machina de seu invento, a que o povo deu o no ne de *passarola;* temos notado, diziamos, que todos que teem intentado resolver o problema da navegação aeria (o que, a nosso ver, no estado actual da sciencia, é uma chimera), só teem tido em mira a direcção dos balões, cousa physicamente, mechanicamente impossivel.

Que é um balão?

Um balão é simplesmente uma bolha de gaz. Ora, uma bolha de gaz suspensa no ar, tornada parte integrante d'este fluido, implicada em todas as suas fluctuações, pode, por ventura, adquirir um movimento independente? Não seria esta consideração que levou o padre Bartholomeu Lourenço a subir aos ares, não em balão, mas em um apparelho imitante a uma ave?

De facto, para que um corpo possa mexer-se n'um certo meio, a primeira condição é apresentar um todo, uma *massa inteiriça* em que o movimento produzido se accumule de modo que dê sempre uma força capaz de vencer a resistencia d'esse meio. Assim são constituidas as aves, mais pesadas que o ar. como todos sabem, e a cujos pés a natureza não prendeu, para se equilibrarem no espaço, baloezinhos, que lhes tornariam impossivel o vôo. O exemplo dos peixes invocado pelos theoricos da direcção dos aerostatos, não colhe. Em verdade, o seu peso especifico é quasi o mesmo que o da agua, onde se deslocam em todos os sentidos Mas o peixe, como a ave, *move-se por si mesmo;* não é formado de duas partes distinctas: uma inerte, outra que sirva de motor; todo elle é um musculo vigorosissimo que, a bem dizer, só tem força e quasi nenhum volume. Além d'isso, o peixe nada na agua e não no ar; o que é muito differente; porque, se a agua, muito mais densa que o ar, oppõe maior resistencia aos movimentos do animal, em compensação não é elastica e offerece ás barbatanas e á cauda, que são verdadeiras alavancas, um ponto de apoio incomparavelmente mais firme que o fluido aerio.

Não será, pois, de admirar a ingenuidade dos que imaginam *fender* os ares com balões pisciformes, conicos, ovoides...? Longe de auxiliar a locomoção aeria, o balão, dêem lhe a forma que lhe derem, nunca deixará de ser um impedimento, uma especie de bala, cuja inercia paralysará sempre o andamento do apparelho.

Desenganem-se: para se chegar a uma solução racional do problema, a primeira cousa que cum-

pre fazer é renunciar ao balão, visto como este dá ao apparelho um volume total fóra de toda proporção com a força motriz que é possivel adaptar-lhe. E agora se nos perguntarem como concebemos nós que se possa chegar a navegar no espaço, mostraremos uma ave e responderemos: imitem isto; construam uma barca cuja densidade especifica esteja com a do ar na mesma relação que a d'esta ave; dêem-lhe uma fórma analoga, como o fez o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão; estudem bem a machina d'esse visionario que, escarnecido, apedrejado e expatriado, foi morrer n'um hospital de Toledo, em quanto os que pretenderam *fabricar nuvens* se tornaram o assombro dos homens de sciencia; emfim, procurem um motor que possa substituir a energia muscular do animal e produzir um movimento de força e rapidez sufficientes, sem prejudicar a leveza do apparelho. Que dêem a essa ave, em logar de azas, helices, raquetas, planos inclinados, pouco importa; são orgãos *propulsores* e não *motores*. E seja qual for o propulsor adoptado, deverá sempre, para fazer avançar a barca, oppôr ao ar uma larga superficie, ter uma grande solidez e ser animado de grandissima velocidade, que só lh'a poderá dar uma machina potente. Que machina será essa? Está n'isto a chave do problema. O que nos falta para navegar no espaço é uma força motriz de extraordinaria energia, que exija um apparelho gerador de pequenas dimensões e de grande força. Esta é a *incognita*, o *x*, sem o que todos os projectos de direcção aeronautica falharão miseravelmente.

Franz.

A CABEÇA DO MORTO

(Hugh Conway)

(Concluido do numero antecedente)

— Isso quer dizer que não tornarei mais a vêl-o?

— Assim me parece. Elle entende que é melhor separarem-se.

Deu um grito penetrante e torcendo as mãos começou a passear pela casa. Os labios agitavam-se-lhe febrilmente. Ouvi que murmurava algumas palavras, mas tão baixo que não pude comprehendel-as. De repente parou e voltou-se violentamente para mim.

— Partiu por indicação, por conselho do doutor? perguntou.

— Não, só por sua vontade.

— Porque? Diga-me, doutor, porque? Elle ama-me. Eu tambem o amo. Porque me abandona pois?

E' impossivel descrever a expressão de apaixonada supplica que a sua voz tomara. Que lhe diria? As palavras detinham-se-me na garganta. Um homem em plena posse da sua razão confiar a uma mulher, que tambem conservava todo o seu sangue frio, o verdadeiro motivo do abandono de Claudio, parecia-me o cumulo do absurdo. Vacillando, invoquei o seu mau estado de saude.

Ella accudiu:

— Se está doente, tractarei d'elle. Annos esperarei, se quizer dar-me alguma esperança. Doutor, amo Claudio como nunca amei.

Juntou as mãos e, olhou-me com ar supplicante. Machinalmente tirei da algibeira o retrato de meu irmão. Ella viu o movimento.

— O retrato d'elle! exclamou cheia de alegria. Manda-m'o! Ah! ama-me!

Dei-lhe o retrato e disse-lhe:

— Sr.ª Despard, conhece-o?.... Não conclui a pergunta; mas a resposta foi completa. Não creio que rosto humano jámais soffresse mudança tão repentina, tão terrivel. Até os labios d'aquella mulher tomaram uma pallidez mortal. Os seus olhos, cheios de terror, cravaram-se nos meus. Vacillou e quasi ia cahindo.

— Porque está aqui este retrato? De quem é? perguntou, arquejante.

Eu estava em uma agitação extrema. Que revelação ia ouvir? Que horrivel cousa ia saber?

— Escute, disse-lhe com aspereza; é necessario que me responda. A cabeça d'este homem, é essa cabeça de moribundo que se colloca entre a senhora e o seu amante!

— Diga-me o nome.

Li estas palavras, não as ouvi, nos seus resequidos labios.

— Foi conhecido um tempo com o nome de Stephen.

Um tremor violento a sacudiu. Por um instante julguei que ia desmaiar.

— Já morreu. Porque vem pôr-se entre mim e o meu amor? Outros homens depois me amavam ou disseram que me amavam. Nunca viram essa cabeça de morto. Se eu tivesse amado, poderia estar casada e ser feliz. Amo Claudio. Porque vem o morto atormental-o?

— Esse homem, repliquei, esse homem era meu irmão, irmão de Claudio.

Ella extendeu os braços com um gesto de desesperação.

— Irmão do doutor! irmão de Claudio! — Olhou-me em seguida fixamente, como se quizesse penetrar os segredos da minha alma — O sr. mente!

— Eu não minto. Era o nosso irmão mais velho. Sahiu de Inglaterra ha muitos annos; tomara um nome supposto. Morreu. Onde e como morreu?

Cahiu pesadamente sobre uma cadeira e mirou-me com ar estupido. Agarrei-a pelos pulsos.

— Diga-me, exclamei, diga-me que lhe era esse homem? Porque nos apparece a sua cabeça moribunda? Diga me a verdade.

Inclinou-se ao peso das minhas palavras, mas não apartava os olhos de mim.

— Fale, gritei raivoso, apertando-lhe os pulsos com mais força.

Vieram-lhe emfim as palavras. Com uma voz singular, baixa, mas perfeitamente clara, disse:

— Esse homem era meu marido; matei-o.

Retrocedi horrorizado. Aquella mulher, viuva de um dos meus irmãos, que confessava tel-o assassinado, aquella mulher quasi chegara a ser esposa do outro!

Voltei-me para ella e:

— A senhora assassinou o?

— Assassinei-o, sim. Fizera da minha vida um inferno Bateu-me, diffamou-me, amaldiçoou-me, arruinou me! Era um demonio! matei-o.

Ella não tinha remorsos nem pesar! Aterrado, encostei-me ao fogão. Sabia que Stephen Morton fôra muito criminoso; mas agora, pensando n'elle, torno a vel-o quando era collegial, feliz, desinteressado, vejo-o como era para mim nos seus dias da mocidade: um perfeito heroe! Era pois natural que o meu coração pedisse vingança.

Ai! senti a minha impotencia ainda n'aquelle primeiro arranco de furor. A justiça humana não podia alcançar aquella mulher. Que testemunho oppôr ás suas proprias confissões, a accusação que ella mesma se fazia?

Estava fóra do alcance do castigo.

— Oh! se eu pudesse vingar-lhe a morte! disse eu com grande dor.

Levantou-se de um salto. Os seus olhos pretos faiscaram.

— Vingar-lhe a morte! exclamou. Pois esse homem não está triplicemente vingado? Não se senhoreou de tudo que eu amava n'esta vida? Não me tirou aquelle a quem adoro? Cobarde na vida, é cobarde na morte. Quando o matei, sabia eu muito bem que elle havia de diligenciar encontrar-me um dia. Tentou isso ha annos. Ah! eu era mais forte que elle. Podia repellir-lhe a cabeça que queria perseguir-me. Podia esquecer. Poderia amar. Poderia ser feliz; mas afinal venceu. Não a mim; não podia vencer me; mas venceu aquelle que eu amo. Ah! o cobarde vingou-se!

Apesar do meu desgosto, contemplava com assombro aquella mulher. As suas palavras não eram as de uma creatura que commetteu um crime repugnante, senão as palavras de uma mulher a quem se fez um mal immenso. A idéa singular, inaudita, de que o morto, sua victima, tractara de perseguil-a, mas que devera ter renunciado a isso só pelo effeito do poder da sua vontade, essa idéa era sem precedente para mim.

Vendo a lucta interior que a agitava, occorreu-me que talvez ella tivesse razão: a morte de meu irmão estava vingada. Para que pois prolongar aquella penosa scena?

Ella continuava a passear pela casa presa de uma exaltação terrivel. De repente parou, e pôs-se a falar de um modo que me fez estremecer.

— Olha! gritou, olha! a margem do rio! Vês a negra e rapida corrente. Ah! estamos sós, completamente sós, um ao lado do outro, muito longe de todos. Como és louco! Se pudesses ler no meu coração, não te chegarias tanto a essa margem que causa vertigem! Julgas que a recordação do nosso antigo amor me prenderá a mão quando chegue o momento propicio? O antigo amor morreu: quebraste-o tu, tu o amaldiçoaste, tu o mataste! Como corre ligeiro o rio! Um homem forte seria capaz de luctar contra a corrente? Oh! se eu tivesse a certeza, se estivesse bem segura de que um simples gesto poria fim a tudo e me restituiria a liberdade! Em outro tempo desejei eu ardentemente o teu amor! Agora desejo ardentemente a tua morte! Corrente! tens força bastante para dar-me para sempre a liberdade? Estuta!... Ouço ao longe o ruido dos saltos. O rio engana muito; tem muitos penhascos. Estás mesmo á beira e olhas para baixo! Ah! insensato!

Ao proferir esta ultima exclamação fez um movimento brusco como se violentamente arremessasse para longe alguma cousa... Comprehendi que, na sua exaltação, julgava assistir ainda áquella tragedia.

— Livre! livre! sou livre! gritou com um riso de contentamento. Agarra-o, brava corrente! Leva-o. Vai-te! Elle nada, sim, mas não pode nadar contra ti. Tu corres para os saltos. E' necessario que se volte e lucte por sua vida comtigo. Arrasta-o! Não o deixes voltar. Se te vence, tomará pé na margem e matar me ha. Agarra-o com firmeza, brava corrente! Ah! Ah! já lhe vão faltando as forças! Leva-o! Arrasta-o! Não; ainda o vejo. Volta a cara para mim. Sabe que fui eu quem o precipitou. Amaldiçoa-me com o seu ultimo suspiro! Partiu, partiu para sempre! Sou livre!

As diversas entoações da sua voz, passando do terror á alegria; os assentos apaixonados, os gestos, tudo contribuia para fazer-me supportar o espectaculo d'aquella scena. Eu estava immovel e, á medida que ella falava, parecia-me ver o desgraçado a luctar contra a corrente e a desfallecer de momento para momento. Quando resoaram na sala as ultimas palavras d'aquella mulher: Partiu para sempre! Sou livre! julguei ouvir o grito de desespero do pobre afogado ao fecharem-se-lhe as aguas sobre a cabeça. Conhecia já todos os pormenores da morte de meu irmão.

Quiz abandonar aquella casa. Só um pensamento me assaltava: retirar-me e apagar da memoria, se fosse possivel, os successos d'aquelle dia. Já não tinha que vingar Stphen Morton.

Ia a levantar o fecho da porta, quando Judith correu para mim, e me fez voltar, puxando-me pelo braço.

— Olhe! Vê-a? Alli está ella, a cabeça, a horrivel cabeça! Por fim veiu a alcançar-me! A morte triumphou! Lá está! Veja, veja! Os olhos estão fitos em mim; a bocca a sorrir de escarneo. Agora que ella conseguiu chegar aqui, hei de vel-a sempre, sempre! Veja! veja!

Mas eu não devia vel-a mais, ou imaginar que a via. A sua missão para commigo havia terminado.

O olhar de horror concentrado que Judith Despard lançou para a parede, desafia toda a descripção. Com um grito terrivel cahiu aos meus pés e parecia querer que eu a protegesse de alguma cousa que a assombrava. Levantei a. Fugiu-me dos braços e tornou a cahir sobre a alcatifa.

Endoideceu.

Conclui.

Judith Despard foi conduzida a uma casa de alienados.

Perseguida, desde aquelle dia até a sua ultima hora, pela *Cabeça do Morto*, morreu ao cabo de tres annos, doida furiosa.

METEOROLOGIA

Maio de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	768,5	20,2–10,5	Limpo	NNE	0,0
22	771,7	22,4–12,5	Alg. Nuvens	»	0,0
23	769,5	26,5–14,1	Nublado	ENE	0,0
24	768,3	29,6–18,0	Alg. Nuvens	NNE	0,0
25	769,4	29,7–23,2	»	NE	0,0
26	765,8	31,0–18,4	»	NNE	0,0
27	761,0	23,9–16,1	Nublado	»	1,6
28	760,3	20,0–15,3	»	S	0,5
29	759,6	17,3–13,5	»	SW	0,0
30	760,0	15,8–10,3	»	WNW	5,8

CHRONICA METEOROLOGICA

Succedeu ao periodo ventoso e fresco, uns dias de muito calor. A temperatura começou subindo em 21, attingindo um maximo em 26, com vento predominante do NE. Em todo o reino se registaram maximas elevadas, n'este dia. Em Regoa 36°, Coimbra 34°,5, Campo Maior 34°, Porto e Vendas Novas 32°, Lisboa, Evora e Beja 31°, etc. Como era de prevêr, uma fortissima trovoada rebentou na madrugada de 26, proximo de Lisboa, acompanhada de pouca chuva e de grande abaixamento de temperatura. Em 28, o vento rondou para o SW, mantendo-se, a partir d'este dia, em todo o reino, um regimen chuvoso, descendo, novamente a temperatura muito abaixo do normal.

THEATRO DA TRINDADE

AFFONSO TAVEIRA, Emprezario

DOMINGOS GOUVEIA, Emprezario

Recebemos e agradecemos:

Donna Amelia d'Orléans—*Regina di Portogallo — Note storiche e documenti — Antonio Padula — Stab. Pierro e Veraldi — Napoli, 1901.*

Em abril do anno passado publicou o sr. Antonio Padula, de Napoles, mais este seu trabalho, com que demonstra a muita sympathia que tem dedicado ás nossas cousas. A litteratura portugueza deve-lhe estudos de valor, como o que se intitula *I nuovi poeti portoghesi*—Napoles, 1896, e os que se seguiram: *Camoens e i nuov poeti portoghesi*— conferencia que está traduzida em portuguez pelo sr. Alfredo Ferreira de Faria; *Il 20 maggio 1498*, publicado em 1898 e traduzido em portuguez pelo sr. dr. Xavier da Cunha; *Il centenario de Almeida Garrett*. 1899; *Salomé, poemetto de Eugenio de Castro traduzione dal portoghese preceduta de una nota illustrativa; Allocuzione pronunziata dal Vescovo di Coimbra nella prima comunione di S. A. il principe Reale di Portogallo él 28 maggio, 1899*, traducção; *Il centenario di Castilho*, 1900; *L'Ondina del lago, poema cavalleresco di Teofilo Braga*, traducção de collaboração com Giovanni Valtan, 1900; *Il re Galaor, poema dramatico di Eugenio de Castro*, traducção precedida de um exame critico, 1900; *Per la traslazione delle cencri del visconte d'Almeida Garrett nel pantheon di Belem, 1901; Gli ordini cavallereschi del Portogallo, 1901.*

Tão crescido numero de trabalhos de divulgação da litteratura portugueza valeram ao auctor opportunamente as mais justas referencias da imprensa. Com o seu primeiro estudo alcançou o sr. Padula a entrada em 8 de abril de 1897 na nossa academia Real das Sciencias, merecido galardão concedido por tão douta corporação ao illustrado litterato que tanto se interessa pelas lettras portuguezas e de que o livro presente, embora tratando de um assumpto mais restricto, é uma gentilissima prova. N'elle se encerra uma interessante nota historica ácerca de sua magestade a rainha sr.ª D. Amelia acompanhada da correspondencia trocada entre a augusta senhora e o sr. bispo-conde, ácerca da sé de Coimbra, terminando com o perfil da mesma soberana escripto em janeiro de 1898 por Eça de Queiroz, o que tudo traduziu o sr. Padula muito fielmente.